

A PLURALIDADE CULTURAL NA PAISAGEM DE DIAMANTINA (MG): AÇÕES VALORATIVAS DA COMUNIDADE AO USO TURÍSTICO



CLIMEP – Climatologia e Estudos da Paisagem, Rio Claro, SP, Brasil – eISSN: 1980-654X – está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)

Renata Salgado Rayel [1]

O município de Diamantina localiza-se na mesorregião do Vale do Jequitinhonha, no Estado de Minas Gerais (MG), e abrange cinco distritos: Conselheiro da Mata, Extração, Medanha, São João da Chapada, Sopa e a Vila de Biribiri.

Geomorfologicamente, este município encontra-se na Serra do Espinhaço, considerado um importante divisor de águas do Estado de Minas Gerais, que separa a bacia hidrográfica do Rio São Francisco, a oeste, das bacias dos rios Doce, Mucuri, Jequitinhonha e Pardo, a leste.

Entre os séculos XVIII e XIX, o antigo Arraial do Tejuco, atual Diamantina, destacou-se no cenário do ciclo do ouro e, principalmente, da extração de diamantes. Neste período, houve significativa ascensão econômica e crescimento urbano que contribuíram para a construção da imponente e rica cidade representada pelos casarões residenciais, edifícios de uso público, fontes d'água, igrejas de arquitetura de estilo barroco. Importantes obras arquitetônicas do século XX também se fazem presentes, com a assinatura de Oscar Niemeyer, como é o caso do Diamantina Tênis Clube, Escola Julia Kubstcheck, Hotel Tijuco e a Estação do Aeroporto de Diamantina.

O relevante conjunto arquitetônico e artístico trouxe a Diamantina dois relevantes títulos direcionados, principalmente, à proteção do centro histórico, onde se concentra a maior parte dos edifícios históricos. Em 1938, a cidade recebeu o título de Patrimônio Histórico, através do processo de tombamento declarado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e em 1999 entrou para o cenário mundial ao receber o título de Patrimônio

Cultural da Humanidade, dado pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciências e Cultura (UNESCO).

A relação do homem com o ambiente influi na dinâmica construtiva dos espaços e lugares, alterando assim as suas paisagens e as imagens percebidas. Essas imagens observadas são representações sociais e culturais que nos revelam formas, simbologias de objetos (naturais ou culturais) e significados, com determinadas funções que, por ora, são selecionadas de acordo com os interesses econômicos e políticos da sociedade para identificar um lugar. Esses objetos ou elementos ambientais são recursos paisagísticos valorizados como destaque cultural ou natural do espaço vivido.

Dessa maneira, a apropriação e a valoração da estética paisagística de um lugar, como é caso de Diamantina, são capazes de potencializar os recursos tornando-os atrações turísticas, criando fluxos de visitantes dispostos a conhecer as formações histórico-culturais e naturais do município. Assim, essas paisagens são consumidas pela atividade turística em uma localidade que é referência de proteção patrimonial, numa dialética que desperta indagação, reflexão, análise e avaliação do modo como ocorre essa exploração econômica.



FIGURA 1 – O Passadiço da Glória, considerado um dos principais símbolos históricos da cidade de Diamantina, é uma passarela responsável por unir duas casas construídas no século XVIII. A casa do lado esquerdo, mostrada nesta foto, é conhecida como Casa da Glória, porque pertenceu à Dona Josefa Maria da Glória e, posteriormente, abrigou o Educandário Feminino Nossa Senhora das Dores, administrado pelas religiosas da Ordem de São Vicente de Paula. Essa passagem, construída de madeira, foi feita para as meninas do orfanato transitarem entre os dois edifícios, protegidas da realidade externa. Foto: Renata Salgado Rayel, 2008.



FIGURA 2 – O Mercado Municipal de Diamantina, conhecido como Mercado Velho, foi construído em 1835, na Praça Barão de Guaicuí, para servir de residência do tenente Joaquim Casimiro Lages, comércio e rancho dos tropeiros que precisavam descansar e abastecer suas tropas de cavalos ou mulas. Esse espaço público apresenta, desde o passado, relevância para as relações de trocas comerciais e culturais a partir do encontro de pessoas – comerciantes, mineradores, tropeiros, que passavam ou residiam no município ou arredores. Foto: Renata Salgado Rayel, 2010.



FIGURA 3 – A Casa de Francisca da Silva, a lendária Chica da Silva, uma ex-escrava mulata que chocou a sociedade da época por adotar os costumes das mulheres brancas e viver como mulher do importante contratador de diamantes, o português João Fernandes de Oliveira. É considerada um significativo edifício do período colonial mineiro, sobrado construído de adobe, pau-a-pique e madeira, com muitas janelas, sacadas e uma varanda lateral fechada com treliça, para proteger as mulheres da casa. Atualmente, abriga a sede da 16ª subregional do IPHAN e o museu com peças de uso pessoal e quadros que revelam a imagem do mito – Chica da Silva – resistente ao tempo. Foto: Renata Salgado Rayel, 2010.



FIGURA 4 – Essa pequena e simples residência abrigou a família de Juscelino Kubitschek. Aí viveu sua infância, o respeitável homem que se tornou presidente do Brasil e mudou os rumos do nosso país. Desde 1985, o local funciona como museu, com a intenção de preservar a imagem e memória do célebre médico, presidente da República e político de bem. Foto: Renata Salgado Rayel, 2010.



FIGURA 5 – A Catedral Metropolitana da Sé de Santo Antônio, atualmente em bom estado de conservação, foi construída em estilo neoclássico predominante no século XIX, com o intuito de substituir a antiga Igreja de Santo Antônio do Tijuco, do século XVIII, que fora demolida em 1933, devido ao seu degradado estado de conservação. Foto: Renata Salgado Rayel, 2008.



FIGURA 6 – As serestas fazem parte das tradições culturais da cidade e encantam, há anos, moradores e visitantes. Os seresteiros acomodam-se pelas estreitas calçadas, no Beco do Tecla e no Beco do Mota, enquanto os visitantes se espalham pelas ruas e em bares para escutarem as músicas tocadas por esses músicos. Foto: Renata Salgado Rayel, 2008.



FIGURA 7 – Ambrosina Dias da Cruz, nascida em 10 de novembro de 1917, contribuiu para a preservação da música folclórica brasileira de domínio público, por meio do grupo musical *Dona Ambrosina e suas Pastorinhas*, surgido por meio de um trabalho com as pastorinhas de catequese, em 1949. Considerada lenda viva de Diamantina, ela comandava, até o ano de 2009, meninas que dançavam e cantavam ao som de sua voz e do acordeom. Foto: Renata Salgado Rayel, 2008.

O Parque Estadual do Biribiri foi criado através do decreto de Lei Estadual nº 39.909, em 22 de setembro de 1998, para proteger uma área de 16.998,66 hectares do município de Diamantina, sob administração do Instituto Estadual de Florestas do Estado de Minas Gerais. Esta Unidade de Conservação encontra-se inserida no complexo da Serra do Espinhaço, situada a aproximadamente 15 km da sede de Diamantina, em uma área de cerrado com relevante biodiversidade. Em seu interior há, também, a antiga Vila de Biribiri, um importante conjunto arquitetônico do século XIX, administrado pela empresa Estamparia S.A. Nesse lugar, observa-se nitidamente a inter-relação dos elementos naturais e culturais na paisagem turística do Parque Estadual de Biribiri.



FIGURA 8 – A Cachoeira da Sentinela é formada por, aproximadamente, 8m de altura de quedas d'água, as quais originam piscinas naturais propícias ao banho. No entorno possui vegetação rasteira, arbustos do cerrado. É considerada um dos importantes atrativos turísticos pertencentes ao Parque Estadual do Biribiri, porém não apresenta infraestrutura de visitação turística. Foto: Renata Salgado Rayel, 2008.



FIGURA 9 – A Vila de Biribiri foi uma das primeiras comunidades fabris de Minas Gerais, construída por iniciativa do Bispo de Diamantina, Dom João Antonio Felício dos Santos, que queria empregar moças pobres da região de Diamantina em uma fábrica de tecidos. Nesta vila encontra-se antigos imóveis, em bom estado de conservação, que funcionavam como residências dos operários, armazém, açougue, escola, além da Igreja Sagrado Coração de Jesus. Hoje, algumas dessas casas são alugadas aos interessados em pernoitar no local, além de dois bares que servem alimentação aos visitantes. Foto: Renata Salgado Rayel, 2008.



FIGURA 10 – Inserida na paisagem da Vila de Biribiri a Igreja Sagrado Coração de Jesus, construída entre 1870 e 1876, foi erguida por iniciativa das operárias da Tecelagem. E, atualmente, encontra-se em bom estado de conservação e preserva os restos mortais do historiador Joaquim Felício dos Santos. Foto: Renata Salgado Rayel, 2008.



FIGURA 11 – Em 1973, a fábrica de tecidos foi desativada por razões econômicas oriundas da dificuldade de acesso, porém o conjunto arquitetônico, histórico e paisagístico de Biribiri está preservado, apresentando significativa importância cultural em nível estadual e, assim, tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA), sob registro homologado em 11 de novembro de 1998. Foto: Renata Salgado Rayel, 2008.

Informações sobre a autora:

[1] Renata Salgado Rayel – <http://lattes.cnpq.br/3946611178646125>

É especialista em Educação Ambiental e Recursos Hídricos pelo CRHEA/EESC, da Universidade de São Paulo. Atualmente, é docente das áreas de Meio Ambiente, Turismo e Cooperativismo e Assessora de Assuntos Turísticos pelo Programa Rede Social Senac – São Carlos. Além, de pesquisadora associada do Laboratório de Interpretação e Valoração Ambiental, departamento de Geografia do IGCE – UNESP de Rio Claro.

Contato: rerafel@gmail.com